

# **A DOR E O PRAZER DE SER MULHER: O FEMININO NA VISÃO PSICANALÍTICA**

**Sérgio Bezerra Pinto Júnior.** Psicólogo, Prefeitura Municipal de Cianorte e Universidade Paranaense - UNIPAR (Cianorte). Endereço: Rua Fernão Dias, Zona 1, 1984. Cianorte-PR. E-mail: [sergiojunior@prof.unipar.br](mailto:sergiojunior@prof.unipar.br)

**Maria Lúcia Pizani Ribeiro.** Acadêmica do 4º ano, do Curso de Psicologia, da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). Endereço: Rua Inajá, 3560 - Apto 02, Residencial Inajá - Zona I – Umuarama-PR. CEP: 87501-160. E-mail: [maria.pizani@edu.unipar.br](mailto:maria.pizani@edu.unipar.br)

**Leandro Pereira da Costa.** Acadêmico do 4º ano, do Curso de Psicologia, da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). Endereço: Rua Sinop, 733 – Centro, Iporã-PR. CEP: 87560-000. E-mail: [leandro.239589@edu.unipar.br](mailto:leandro.239589@edu.unipar.br)

**Raquel Panarali de Oliveira Turato.** Acadêmica do 4º ano, do Curso de Psicologia, da Universidade Paranaense - UNIPAR (sede). Endereço: Estrada São Henrique, Lote 709, São Jorge do Patrocínio-PR. CEP: 87555-000. E-mail: [raquel.turato@edu.unipar.br](mailto:raquel.turato@edu.unipar.br)

# A DOR E O PRAZER DE SER MULHER: O FEMININO NA VISÃO PSICANALÍTICA

Maria Lucia Pizani Ribeiro<sup>1</sup>

Leandro Pereira da Costa<sup>2</sup>

Raquel Panarali de Oliveira Turato<sup>3</sup>

Sérgio Bezerra Pinto Júnior<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no Curso de Psicologia da Universidade Paranaense, refere-se ao feminino nos processos de subjetivação das mulheres na contemporaneidade e como a Psicanálise compreende o conceito feminino e o ser mulher. Com o objetivo de evidenciar o tornar-se mulher a partir da relação de identificação ideal estabelecida com a figura materna, buscou-se descrever a relação entre os ideais culturais e a constituição da feminilidade, o lugar da mulher na contemporaneidade e desvendar o lugar do feminino na psicanálise. O percurso metodológico deste trabalho caracteriza-se como bibliográfico de cunho qualitativo. A fim de contemplar o objetivo da pesquisa, as discussões resultantes dos estudos teóricos foram organizadas da seguinte forma: introdução, desenvolvimento e considerações finais. As discussões realizadas apontam os conflitos e os impasses da condição feminina pelas escolhas e desejos da sociedade ao longo do tempo em torno da maternidade e do direito de expressão. Dessa forma, novos estudos são necessários para ajudar a desvendar outras possibilidades em que a mulher possa alcançar uma mudança de posição e encontrar um lugar de fala, migrando da posição de objeto para assumir o posto de sujeito de forma que se possa avançar no desvelamento do ser mulher.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enigma; Feminilidade; Freud; Mulher; Psicanálise

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Psicologia UNIPAR. E-mail: [maria.pizani@edu.unipar.br](mailto:maria.pizani@edu.unipar.br)

<sup>2</sup> Discente do Curso de Psicologia UNIPAR. E-mail: [leandro.239589@edu.unipar.br](mailto:leandro.239589@edu.unipar.br)

<sup>3</sup> Discente do Curso de Psicologia UNIPAR. E-mail: [raquel.turato@edu.unipar.br](mailto:raquel.turato@edu.unipar.br)

<sup>4</sup> Docente do Curso de Psicologia UNIPAR. Psicólogo graduado pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Psicanálise pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Maringá. Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná. E-mail: [sergiojunior@prof.unipar.br](mailto:sergiojunior@prof.unipar.br)

# **THE PAIN AND PLEASURE IN BEING A WOMAN: A PSYCHOANALYTIC VIEW OF THE FEMININE**

**ABSTRACT:** This Final Paper, presented in the Psychology Course at Universidade Paranaense, refers to the feminine in the contemporary processes of subjectivation of women and how Psychoanalysis understands the feminine concept and being a woman. Aiming to evince becoming a woman based on the ideal identification relationship established with the maternal figure, we sought to describe the relationship between cultural ideals and the femininity constitution, the women's position in contemporary times and unveil the place of feminine in psychoanalysis. The methodological path of this work is characterized as bibliographic of a qualitative nature. In order to analyze the objective of the research, the discussions resulting from the theoretical studies were organized as follows: introduction, development and final considerations. The discussions carried out indicate the conflicts and impasses of the female condition due to social choices and desires over time around motherhood and the expression. rights. Therefore, new studies are necessary to help uncover other possibilities in which women can achieve a change of position and find a place of speech, migrating from an object position to assuming a subject role so that progress can be made in unveiling the being a woman.

**KEY WORDS:** Enigma; Femininity; Freud; Woman; Psychoanalysis.

## **EL DOLOR Y EL PLACER DE SER MUJER: LO FEMENINO EN LA VISIÓN PSICOANALÍTICA**

**RESUMEN:** Este Trabajo de Conclusión de Curso, presentado en la Carrera de Psicología de la Universidad Paranaense, se refiere a lo femenino en los procesos de subjetivación de las mujeres en la época contemporánea y cómo el Psicoanálisis entiende el concepto femenino y el ser mujer. Con el objetivo de resaltar el devenir mujer a partir de la relación de identificación ideal que se establece con la figura materna, buscamos describir la relación entre los ideales culturales y la constitución de la feminidad, el lugar de la mujer en la época contemporánea y desvelar el lugar de lo femenino en psicoanálisis. El recorrido metodológico de este trabajo se caracteriza por ser bibliográfico de carácter cualitativo. Para cumplir con el objetivo de la investigación, las discusiones resultantes de los estudios teóricos se han organizado de la siguiente manera: introducción, desarrollo y consideraciones finales. Los debates sostenidos señalan los conflictos y los impases de la condición femenina debido a las elecciones y deseos de la sociedad a lo largo del tiempo en torno a la maternidad y el derecho a la expresión. Por ello, son necesarios nuevos estudios que ayuden a descubrir otras posibilidades en las que las mujeres puedan lograr un cambio de posición y encontrar el derecho a hablar migrando de la

posición de objeto a asumir el rol de sujeto para que se pueda avanzar en el desvelamiento del ser mujer.

**PALABRAS CLAVE:** Enigma; Feminidad; Freud; Mujer; Psicoanálisis.

## 1. INTRODUÇÃO

Realizado através do método de revisão bibliográfica conforme as etapas propostas por Gil (2010), seguindo um caráter exploratório e uma abordagem qualitativa, o presente artigo possui como objetivo evidenciar o tornar-se mulher a partir da relação de identificação ideal estabelecida com a figura materna. Ao estudar a existência de uma primazia do falo, na obra de Freud, e também o interesse da psicanálise pelo feminino, percebe-se que há grande relevância em repensar a visão da mulher dentro do saber psicanalítico, visto que não se trata simplesmente de um ser que, por não ter um pênis precisa de um filho. É urgente buscar-se a substituição do entendimento de que existe “a mulher”, como determinação para uma função humana onde caibam todas as mulheres, para “há mulher”, no sentido de dar-se à todos e todas os que se identifiquem com o feminino o direito à singularidade. No entanto, antes de abordar a discussão, entende-se a importância de explicar alguns conceitos psicanalíticos.

O nome Sigmund Freud (1856-1939) e o termo psicanálise são muito conhecidos no mundo moderno e retém até hoje alto grau de notoriedade. Psicanálise é o conceito de uma teoria, seu método de investigação e sua prática profissional. O médico vienense, modificou radicalmente o modo de pensar a vida psíquica, colocando os sonhos, as fantasias, os desejos, os esquecimentos como problemas científicos. Foi a investigação sistemática de si e seus sonhos que o levou Freud a criação da Psicanálise (SCHULTZ; SCHULTZ, 2019).

Freud formulou os principais conceitos psicanalíticos, os quais são utilizados até hoje, independentemente da influência de outros autores como Abraham, Anna Freud, Bion, Ferenczi, Lacan, Melanie Klein e Winnicott, o que revela a importância e a primordialidade de tais conceitos. Freud considera o consciente uma parte acessível do nosso aparelho psíquico e o inconsciente a parte onde ficam armazenadas informações com as quais os sujeitos têm dificuldades de enfrentar, por esse motivo ficam recalçadas ou esquecidas no inconsciente (BENSON, 2012).

Desde o início, a psicanálise distinguiu-se do pensamento psicológico geral, tanto em relação aos objetivos como no tocante aos métodos e ao objeto de estudo. O objeto de estudo da psicanálise é o inconsciente, negligenciado pelas demais escolas de pensamento, tendo como principal método a observação. O método de Freud envolvia as forças motivadoras do inconsciente, seus conflitos e os efeitos no comportamento, tendo como recurso a associação livre, a análise dos sonhos e a compilação das informações dos casos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2019).

A psicanálise define-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da psique enquanto teoria e caracteriza-se pelo método interpretativo enquanto método de investigação, busca significados ocultos do que é manifesto por meio de atos falhos, palavras, delírios, sonhos, produções imaginárias. Sendo assim, os principais conflitos surgem da relação entre as estruturas do inconsciente, pois é onde são armazenados nossos desejos, repressões e frustrações. Para que haja a possibilidade de uma relação social adequada o Ego entra em ação (HERRMANN, 2015).

O método interpretativo é utilizado para revelar o real, aquilo que está nas entrelinhas para compreender os sintomas e suas determinações. Nas sessões individuais, os materiais trabalhados pelo analista são os sonhos, as associações livres, os atos falhos, os esquecimentos, as substituições de palavras. Caminhos esses, para acessar o inconsciente, levando-se em conta a história pessoal do indivíduo, pois cada indivíduo é único e singular (HERRMANN, 2015).

A psicanálise tem, inerente à sua identidade, um traço que é marcante: a escuta. Essa característica abre a possibilidade de se estabelecer uma relação dialógica sobre qualquer assunto. Aqui, ao voltar todos sentidos para apreensão dos conteúdos produzidos sobre a matéria do feminino, pode-se, por meio da psicanálise, estimular diálogos abordando questões sobre o corpo, sobre os processos de subjetivação, sobre os emaranhados sociais e dessa forma, buscar algum esclarecimento acerca da identidade e função da mulher na contemporaneidade. A legitimidade da psicanálise para tratar do feminino é tamanha que, de acordo com Demes, Chatelard, Celes (2011), o nascimento da psicanálise se dá no encontro entre o corpo feminino e a histeria. A partir da constatação desse encontro o então jovem médico Sigmund Freud (1856-1939), incomodado com os limites do modelo biomédico, inicia sua investigação com vistas a dar ao mundo psíquico os contornos científicos necessários. Em Neri (2002) lemos que o início do interesse sobre a psique feminina coincide com o momento em que a mulher começa a ganhar espaço na sociedade. Ao fazer-se notar, seus problemas se tornam os problemas de todo o corpo social.

Ao longo da história da humanidade, fora da ciência, muitos foram os rótulos, estereótipos e estigmas que foram impostos às mulheres; mãe, musa, neurótica, amante, puta, santa, haja vocabulário. Se, de um lado os vocábulos encarnam sentidos simplistas e reducionistas, por outro os desdobramentos da teoria freudiana mostraram que o feminino, assim como a Psicanálise, está envolto por uma teia complexa e enigmática. É perceptível, conforme Berto e Campos (2022) apontam, que Freud insinuava uma relação de extrema proximidade entre o binômio mãe/mulher, mas olhares psicanalíticos posteriores, como o de Lacan, apontam na direção inversa, reivindicando que, para que se dê a formação de um sujeito desejante, é preciso que haja distância entre o “ser mãe” e o “ser mulher”.

A partir dessas discussões pode-se caminhar ao encontro do que dizem Demes, Chatelard, Celes (2011), quando afirmam que o feminino circunscreve-se com o exercício das relações de alteridade que é modulada pelo fluxo intenso da pulsão e que, não quer outra coisa senão, singularizar-se em cada corpo, cada sujeito.

## **2. O LUGAR DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE: OS IDEAIS CULTURAIS E A CONSTITUIÇÃO DA FEMINILIDADE**

A cultura determina praticamente tudo e quase sempre o faz a partir da produção e da replicação de um discurso. Embora não se negue a relevância de toda a história, interessa-nos preferencialmente as produções dos séculos XVIII e XIX. De acordo com Kehl (2016), a ideia de feminilidade que atualmente se apresenta como tradicional está contida na história de constituição do sujeito moderno que se deu a partir da virada dos séculos XVIII para o século XIX. Kehl (2016), ainda enfatiza que a transmissão desse discurso deu-se principalmente pelo senso comum, pela religião, pela educação formal e pelas produções científicas e filosóficas. Mas, de que discurso se trata?

Diante de tal questão, Freud (1933) diverge de uma investigação psicológica de determinismo biológico ao afirmar que não se pode pensar que, em virtude da existência de uma relação estabelecida biologicamente de ativo-passivo entre os sexos, comprovada a partir dos organismos sexuais elementares quando se vê que a célula genética masculina se move ativamente, busca a feminina enquanto o óvulo permanece imóvel e aguarda de maneira passiva. As relações de condutas estão estabelecidas desse modo desde o princípio. Seria um erro comprovar o masculino a uma conduta ativa e o feminino a uma conduta passiva. Não se determina, de forma alguma, o desenvolvimento sexual somente pelo aspecto orgânico e biológico, também é preciso levar em conta o aspecto psíquico. Ao caracterizar a feminilidade por uma inclinação por metas passivas, estabelece-se como relevante aos destinos da pulsão, sendo que estes não são suprimidos do campo da cultura a partir do momento que o indivíduo é introduzido nele.

Percebe-se que tal discurso, majoritariamente masculino, não alcança a essência da questão. E é bem possível que jamais se chegue ao âmago de tal questão. O próprio Freud admite: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (FREUD, 1933).

Essa concepção da essência feminina voltada para a maternidade, para a docilidade e para a passividade ao desejo masculino prevaleceu na Europa a partir dos séculos XVIII e XIX, construção discursiva elaborada a partir da posição masculina. Jean-Jacques Rousseau colaborou para essa constituição da feminilidade pensada para a maternidade e para o cuidado do lar. Assim, o modelo da

mulher criado por Rousseau, por conta da estrutura anatômica, que as mulheres teriam em sua essência a submissão aos desejos dos homens, a passividade, seriam dóceis e capazes de suportar os sofrimentos, renunciando aos seus próprios desejos (KEHL, 2016).

Para Birman (1997), o sujeito se constrói na cultura, ela é imprescindível no processo de constituição da feminilidade, assim os ideais culturais de cada época e lugar juntamente com os processos psíquicos serão de suma importância, pois encontramos em nossa cultura ideais que definem o que é ser feminina, os quais incidirão sobre o modo de subjetivação das mulheres no processo de constituição.

Ceccarelli (2010), afirma que as normas de conduta e as regras sociais para classificar, etiquetar, definir como proceder em sociedade, são criadas a partir de discursos que geram uma ordem repressiva. Os discursos sexistas, machistas e misóginos são responsáveis por regular os costumes e a sexualidade. Assim, por meio dos seus ideais, a civilização efetiva uma norma de conduta que não permite que a mulher, a partir do seu desejo, possa tornar-se quem gostaria de ser. Destaca-se que as regras estabelecidas ao longo da história juntas ao poder ditam o “normal” e o “patológico” com relação aos desejos.

As lutas feministas foram e são fundamentais. Elas ganharam espaços valiosos, embora ainda haja muito trabalho pela frente. O avanço da ciência, especialmente com a chegada dos métodos contraceptivos, marcou uma importante separação entre a maternidade e a feminilidade a partir dos anos sessenta do século XX. Nos dias de hoje, com os métodos de reprodução e fertilização em laboratório, fica cada vez mais evidente a radical diferença que há entre uma mulher e uma mãe, ainda que existam muitas aproximações entre ambas. No entanto, ao invés dessa separação mãe-mulher promover quietudes, ela acaba por produzir novas modalidades de mal-estar. No tempo de Freud era claro que o destino de uma mulher seria se tornar mãe, e pagava-se o preço por isso. Nos dias de hoje, as mulheres precisam lidar com a pergunta: quero ser mãe? O que deixa aberto para uma série de auto exigências. O mercado vende a ideia de que é possível ser mãe, mulher e profissional. Mas o cotidiano das mulheres lhes expõe e escancara a impossibilidade de abarcar todas as possibilidades do mundo. Qualquer que seja a escolha que se fizer, a consequência é uma perda. No entanto, quanto mais opções se tem, maior o número de renúncias é preciso fazer (KUSS, 2021).

O destino da mulher se resumia em casar, cuidar do lar, do marido, ter filhos e educá-los, tornando a anatomia do seu corpo o seu destino, não tinha o direito de desejar nada mais do que definia o seu sexo. Assim a mulher perdeu seu caráter de trabalhadora e passou a ser o centro da família, no sentido de ser a responsável pelos afazeres domésticos, e romper com essa lógica não poderia, sequer, ser considerado (KEHL, 2016).

Em tempos atuais o lugar da mulher ainda não está reconhecido. Mesmo depois de conquistas que abriram a possibilidade de exercitar sua autonomia e liberdade, a sociedade, carregada de

juizamentos e preconceitos patriarcais e machistas, não permite o exercício dessa liberdade. A mulher, mesmo exercendo atividade produtiva remunerada, continua sendo responsável por grande parte dos afazeres domésticos, cuidados com o marido e a educação dos filhos, ou seja, mesmo ao buscar sua autonomia, a mulher ainda não encontrou um lugar para chamar de seu dentro da dinâmica social (BIROLI, 2013).

Embora a mulher tenha lutado e conseguido mais espaço no mercado de trabalho, na sociedade e sua liberdade sexual seja um pouco maior, ainda predominam práticas carregadas de preconceitos e tabus sociais. A dominação masculina ocorre à medida que a mulher acredita que para desempenhar a figura de boa esposa e mãe ela precisa respeitar e cumprir a imposição do marido, o que resulta em dominação, falta de autonomia e liberdade (OLIVEIRA, 2014).

### **3. O FEMININO EM SUA CONSTITUIÇÃO: OS LUGARES OCUPADOS PELA MULHER NA SOCIEDADE, NAS RELAÇÕES E NA MATERNIDADE**

A constituição do sujeito, para a psicanálise, encontra-se ligada à sexualidade. No que diz respeito à diferença da estruturação psíquica do homem e da mulher é nítida a importância atribuída ao órgão masculino – pênis – diante da teoria psicanalítica, em especial na sua fase inicial. Em seu texto intitulado *Feminilidade*, Freud (1933), apresenta que durante muito tempo a discussão da sexualidade estava centrada na problemática fálica, compreendia-se a diferença anatômica entre os sexos como decisória para a constituição psíquica feminina. Sendo a inveja do pênis o estabelecimento da diferença sexual e a compreensão do feminino. Para Freud, a mulher por não ter o falo passaria uma vida toda em busca de tê-lo, e o homem preocupado em protegê-lo para não perdê-lo. Assim, a maternidade seria a única possibilidade da mulher possuir um falo, por isso a referência fálica como marca do feminino (FREUD, 1933/2010).

De acordo com Ariès (1986), os conceitos de maternidade, família e infância encontram-se enraizados na história e variam conforme o contexto econômico, cultural, social e político de cada época, de modo que afetam-se mutuamente. Muitas discussões são levantadas atualmente sobre o significado do que é ser mulher, e nessa busca, observa-se como a construção social o relaciona com a maternidade.

Para Kehl (2016) houve uma alienação sistemática da mulher nas dimensões subjetiva e política, à mulher foram destinadas às funções de cuidadora do lar até o século XIX. Subjetivamente as mulheres se suprimiram do papel de falar de si, de ocupar lugar fálico da fala. E, politicamente elas se retiraram dos espaços de discussão da cultura, de modo a aceitar uma delimitação imposta pelo pensamento masculino e patriarcal, que restringia sua circulação no espaço social. Tal apontamento não tem a finalidade de diminuir a tarefa da maternidade, porém, ao ocupar somente o papel de



produzir filhos, a mulher esteve refém das subjetivações produzidas pela maternidade, cuidadora dos filhos e do lar.

A mulher era definida como “normal” à medida que se mantivesse no campo do desconhecido sobre si, que não se apresentasse como um ser desejante, anestesiada ao prazer sexual, estando esse canalizado simplesmente para a reprodução. Assim, é possível perceber que, fundamentada no discurso religioso, a maternidade arquitetada como lugar fálico da mulher se transforma em condição de identidade feminina associada a renúncias e sacrifícios (BRAGA & AMAZONAS, 2005). Por conseguinte, a maternidade está associada a sofrimentos voluntários e indispensáveis à constituição da mulher, fazendo jus ao dito “ser mãe é padecer no paraíso”.

Lemos e Kind (2017) apresentam que a construção da subjetivação materna é acompanhada do imperativo da locução verbal “ter que”, com diferentes complementos: ter que engravidar, ter que amamentar, ter que brincar com os filhos, ter que ser mulher e ao mesmo tempo ser mãe, profissional e dona de casa. Ainda é preciso cumprir o ideal de mãe perfeita, dedicada, heroína, santa, construída com a ajuda da cultura. Cobranças estas, que sucedem a mulher em seu universo alternativo.

Frequentemente acompanhamos campanhas de incentivo a maternidade com momentos felizes de mãe e filhos, o que sugere que a maternidade é “perfeita”, que a mulher se realiza ao ser mãe, no entanto, quando uma mãe expressa sua real visão de maternidade é questionada por não se sentir “feliz” por se tornar mãe, é como ela não fosse uma mulher “normal”. A maternidade é considerada, até nos dias atuais, como o momento de maior importância na vida da mulher, é como se a mulher somente atingisse a completude e felicidade plena ao se tornar mãe. Entende-se, então, que a mulher “sente-se” na obrigação de viver essa felicidade, esse amor incondicional, romantizado pelo olhar social, onde gerar um filho é sinônimo de felicidade. Freud (1933) em seu escrito “Feminilidade” apontou a maternidade como sendo o desejo mais profundo da mulher, e que quando esse desejo é realizado traz satisfação interior. Essa realização, seria uma possível saída do complexo de Édipo e a entrada na feminilidade em consonância com a castração.

Para Badinter (2011), algumas mulheres realmente encontram a felicidade e uma identificação insubstituível ao se tornar mãe, outras conciliam sentimentos e exigências contraditórias e outras jamais se permitirão admitir que a maternidade delas é geradora de sofrimento, que não foram feitas para ser mães, ou que ser mãe trouxe pouca ou nenhuma satisfação, pois isso faria delas uma espécie de monstro irresponsável. Para a autora, assim como algumas mulheres encontram na maternidade essa felicidade e identificação insubstituível, uma realização pessoal e um destino desejável, outras desejam independência, realização profissional e não o desejo dos cuidados maternos.

Percebe-se que, atualmente, o tempo para a maternidade é dividido ou está suprimido para abrir espaço para a realização profissional, vivenciar novas experiências e acabam por adiar o exercício da maternidade. Porém, a família continua sendo o lugar destinado a mulher, é nela que

deverá, de acordo com a visão social, encontrar sua realização pessoal. A sociedade, de maneira implícita ou explícita, continua a afirmar a existência de um “instinto materno” que estabelece conexão direta entre a mulher e a função de mãe. Desde os seus primórdios até a atualidade, o feminino sempre esteve presente na Psicanálise, nessa mulher que histericamente revelou a Freud seus segredos, seus sofrimentos psíquicos e suas fantasias (BADINTER, 2011).

Conforme Nunes (2011), por muitas décadas as mulheres somente encontravam saída para suas vidas através da maternidade. A maternidade tornou-se uma opção de escolha com liberdade sexual aliada à liberdade social em nossa época. No entanto, não são todas as mulheres que tomaram para si esse poder de escolher, se desejam ter filhos ou não, o que permite que o desejo de outros, seja da família, do companheiro ou da sociedade, sobrepuja o seu.

[...] quando damos ouvidos às suas queixas, como fez Freud com suas histéricas, descobrimos que, antes de tudo, elas querem liberdade e condições que lhe permitem desejar sem precisar pagar o alto preço da culpa” – uma mulher que pode caminhar no sentido de sustentar o desejo para além das exigências sociais colocadas sobre ela, distanciando-se do peso, por vezes devastador, dos ideais. (NUNES 2011, p. 114).

Kehl (2016), salienta que a partir da segunda metade do século XIX há o início de uma ruptura com o ideário burguês a respeito da posição das mulheres na sociedade provocada por produções romanescas, a maioria delas obras literárias, que evocavam os sujeitos a empreenderem individualmente sua busca por liberdade. O efeito sobre as mulheres da época foi imediato e provocou grande insatisfação com as limitações do ambiente doméstico onde, até então, viviam confinadas. Não havia retorno possível, era preciso inventar outra vida, era preciso tornar-se outra. A transição, no entanto, não seria feita de forma harmoniosa e sem conflitos. A quebra de um paradigma de séculos tem um alto custo, entre outras batalhas, havia urgência em romper com a posição de objeto de satisfação masculina à qual estava amarrada. Surge destacada então, no fim do século XIX, uma figura que, para psicanálise, é extremamente relevante: a histérica e sua angustiante busca para conciliar o ser mulher e a feminilidade.

#### **4. DESVENDAR O LUGAR DO FEMININO NA PSICANÁLISE, O ENIGMA DA FEMINILIDADE E O PSIQUISMO ENVOLVIDO**

Entre os principais textos que Freud destinou à mulher estão os “Estudos sobre a Histeria” (1893-1895), baseado em seus atendimentos clínicos a mulheres, nos quais buscava compreender o psiquismo das histéricas tratadas por ele e Breuer.

Para Kehl (2016), é Freud, um dos primeiros a ser capaz de escutar os ecos de uma crise, ainda inominada, pela qual passavam as mulheres. Mesmo que tenha se valido do discurso psiquiátrico do começo do século XX e usado tal discurso para rotular essa sintomatologia sob o termo histeria é a partir da clínica psicanalítica que surgem as alertas de que não há um só ser que possa, desde sua

origem, denominar-se homem ou mulher. A autora ainda ressalta que, próximo ao fim de suas produções, Freud reconhece não conseguir compreender o que, de fato, querem as mulheres.

Kehl (2016), salienta que, embora Freud afirme manter-se ignorante em relação aos mistérios do feminino, ele já havia produzido inúmeras evidências a começar de seus estudos sobre as histéricas mostrando sobre a mínima diferença entre homens e mulheres e que manter-se em negação a esse respeito, possivelmente, revelasse mais sobre sua própria neurose do que de sua suposta ignorância.

Em seu escrito “A Dissolução do Complexo de Édipo” (FREUD, 1924), escreveu sobre a relevância do medo de castração, para que o menino possa internalizar os valores sociais, ele teria que abandonar seus objetos de amor parental em nome do narcisismo a favor da conservação do seu órgão sexual. No caso da menina, esta já entraria castrada no Complexo de Édipo e o que promoveria a instauração de seu superego seria a angústia oriunda da perda do amor parental. Ao perceber que não possui um pênis igualaria este a um bebê, passaria, então a desejar ter um bebê com seu pai. No entanto, como este desejo jamais se realizaria, pouco a pouco ela o abandonaria, mas guardaria tanto o desejo original de ter um pênis, quanto o desejo deslocado de ter um bebê em seu inconsciente. Desejos estes, indispensáveis para que futuramente possa assumir seu papel de mulher. Assim, a menina entraria já castrada no complexo de Édipo, por acreditar que um dia chegou a ter um pênis - arranjo masculino inicial - em função do clitóris, atuar como o órgão masculino.

De acordo com Kehl (2016), ao amarrar as possibilidades fálicas das mulheres aos limites do corpo, o discurso freudiano reflete crenças instituídas ainda no século XVIII e que colocavam as mulheres presas a determinações naturais.

No texto “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos” (FREUD, 1925), ao tratar das questões psíquicas das mulheres, observa que seu desenvolvimento se dá a partir de questões que colocam a mulher, durante a maternidade, como objeto de desejo do amor da filha. Além disso, discute também que as saídas do complexo de Édipo, possíveis para as meninas, serão determinantes para organização de todo esse processo de desenvolvimento do psiquismo feminino porque abordarão as formas de enfrentamento à castração com a presença de um elemento estranho à célula materna inicial: o pai.

A psicanálise evidencia a existência de um sentimento de ódio e horror à vagina que acompanha a mulher e a energia feminina durante sua subjetivação, e que de diferentes formas ainda estão presentes na contemporaneidade. Eliane Brum (2012) em sua coluna, dá o título “Por que a imagem da vagina provoca horror?” para um relato que provoca as profundezas cotidianas do imaginário feminino e masculino. Em sua narrativa, Emília, que trabalha na casa de Brum, se sente horrorizada com um quadro que a colunista adquiriu, e que seu dono anterior era ninguém menos que Jacques Lacan!

Na tentativa de entender o que provocou o horror de Emília, Eliane levanta diversas problemáticas, como a nomeação, por exemplo, na qual oscila de vagina. Uma linguagem lambuzada pelo desejo sexual e pela repressão. Outra problemática é a suposta redução da mulher literalmente à vagina por parte do autor da obra. Pode-se afirmar aqui que Courbet revelou o que está sempre coberto, oculto, escondido (BRUM, 2012).

A reação de Emília ao ver a obra e gritar “É o fim do mundo!”, refere-se, na verdade, ao assombro do início, da mesma forma o nome que Courbet dá ao quadro: “o feminino agora estaria na origem do mundo, no território fundante de nossa subjetividade” (BIRMAN, 2006). Esse horror pode ser percebido de diversas maneiras, uma delas é a demonstração do ódio diante da figura feminina – feminina ao invés de mulher porque a feminilização é rechaçada e recalcada não só nas mulheres, mas quando demonstradas no corpo e na linguagem dos homens (HOMEM; CALLIGARIS, 2019).

Os textos que tratam principalmente da psique feminina na obra de Freud foram escritos na década de 1930. Na obra, “Sobre a Sexualidade Feminina” (FREUD, 1931), o autor explica que surgem dificuldades na compreensão do psiquismo porque esse período reflete o desenvolvimento psicológico da mulher, ou seja, a relação entre mãe e filha, trajetória da constituição feminina. Portanto, os obstáculos enfrentados pelo autor na compreensão da feminilidade decorrem do recalque que está sempre presente no exame inicial da vida.

Em “Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise: Feminilidade” (FREUD, 1933), o autor discutiu a perspectiva de desenvolvimento feminino; a disposição masculina inicial; a necessidade de deslocamento da zona erógena clitoris para a vagina; o vínculo inicial com a mãe e sua importância; hostilidade para com a mãe durante a fase do Édipo; além de ressaltar que os aspectos do ciúme e da inveja nas mulheres são mais fortes que nos homens. Também discutiu traços intrínsecos no desenvolvimento da mulher, como o masoquismo, que resulta da supressão das agressões impostas socialmente. Cita, também, características psicológicas da feminilidade adulta, como o desejo da mulher de ser mais amada do que amar, a inferioridade, vaidade e timidez. Todos esses aspectos sucederiam em função das características da anatomia feminina.

Segundo Kuss (2016), cabe a cada mulher uma construção própria da sua feminilidade, pois mesmo que a menina se identifique com a mãe, isso não resolve a sua questão com a feminilidade já que a mãe também é privada do falo. Desse modo, a mãe não consegue resolver a questão com a feminilidade.

De acordo com Kehl (2016), ao longo da história, a mulher é colocada no papel de uma inexistência de significante feminino, isto é, articulada para uma passividade subjetiva, nos moldes da feminilidade materna e do lar, onde seu maior objetivo como “saída normal” de comportamento seria o casamento. Esse casamento seria com o lar e não com o homem. Outra forma normal de saída é a função de firmar e fortalecer a virilidade do homem numa espécie de círculo vicioso, que acaba

por validar o poder falocêntrico que persiste até os dias de hoje. A importância dada para a mulher na sociedade, com lugares pré-determinados de mãe e esposa, deixa a mulher presa em um único papel, submetida a uma espécie de destino incontornável. Assim, dá-se uma conceituação da mulher como submissa e frágil perante o marido. As mulheres que não se adaptam aos papéis de mãe e esposa começam, então, a encontrar formas de sublimar, mesmo que sozinhas.

Ao tentar explicar sobre essa busca da mulher em obter respostas sobre a dimensão do feminino, Kehl (2016) retorna ao discurso da histérica freudiana e questiona sobre quais as possibilidades de devir tem um ser que nasce com o sexo de uma mulher.

O que ela, Dora, poderia vir a ser, tendo nascido com o sexo de uma mulher? Pergunta que a histérica dirige a um homem, na relação amorosa, ou transferencialmente, ao analista, na tentativa de colocar-se em posição de objeto para o desejo deles: “O que sou eu, para você?” Mas, ao final de um percurso analítico, espera-se que uma mulher seja capaz de destituir o homem/analista dessa posição de saber e construa para si mesma uma resposta, a partir de uma posição de sujeito do desejo. (KEHL, 2016. p. 200-201).

Homem e Calligaris (2019) dividem em três momentos os modos de se ver a mulher: o primeiro ultrapatriarcalismo no qual a mulher era usada como objeto-produto, sem nenhum tipo de direito ou escolha. O segundo foi quando as mulheres começaram a ter um lugar e um único tipo de poder, o poder doméstico, momento que destaca a histeria, impedidas de pôr em palavras o que as incomodavam fazendo do seu corpo, seu meio (des)erotização por meio de sintomas. O terceiro, no século XX, quando são fomentadas as ideias de direitos humanos amplos e irrestritos, de direitos civis, e de igualdade mais efetiva entre os seres.

Nesse contexto, a mulher contemporânea é livre e tem direitos para tudo, e ao mesmo tempo para nada. De acordo com Homem e Calligaris (2019), temos uma fantasia contemporânea, a fantasia de acreditarmos na ideia de liberdade da mulher. É nessa crença, nessa fantasia de falsa liberdade, de grande demanda, seja intelectual, de corpos e relações que a mulher se perde em si, tem dificuldades de encontrar seu próprio desejo. Insere-se nesse contexto a fabricação de corpos e desejos, ainda que esses não sejam o real desejo da mulher.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo deste trabalho, foi possível compreender que os constructos culturais naturalizaram o tornar-se mãe como se a maternidade fosse um destino e não uma construção ideológica que se ampara em religiosidades censoras, devotas e repressoras e que, ao longo do tempo, implementaram um processo intermitente de mutilação do lugar de fala do feminino.

Entre as discussões levantadas no trabalho observamos que o tempo histórico e seus discursos sazonais dentro da cultura ocidental foram atribuindo funções e significados ao feminino. Discursos gerados a partir do olhar masculino e sustentados por posições de poder patriarcal relegaram a mulher a posições coadjuvantes, na maioria das vezes objetificada, condenada a cumprir o papel de

reprodutora. Sem direito a viver seus afetos, somatizou. O corpo usado de tantas formas tornou-se um canteiro de sintomas.

Afinal de contas, o que quer uma mulher? O que significa ser mulher? Será que algum dia será possível responder cientificamente a questões dessa natureza? Como elaborar uma resposta para algo que está ininterruptamente em processo de mudança? A psicanálise quis escutar, não que o propósito inicial fosse gerar respostas para essas questões, mas ao oferecer um lugar de fala às históricas abriu-se a possibilidade para investigar a essência do ser, o caminho do tornar-se.

Entende-se que é necessário retornar a Freud, no sentido de compreender que a base da psicanálise é a sexualidade e que ela precisa ser sempre atualizada, nunca estagnada, que as práticas sociais, sexuais e os impactos da psicanálise se modificam na cultura. É indispensável que o sofrimento feminino, na visão da psicanálise, esteja em contínua atualização para aperfeiçoar as práticas no tratamento psicanalítico de mulheres afetadas por problemas de desigualdade de gênero, tais como o feminicídio, a violência, o mercado de trabalho e a renda salarial.

Compreende-se também que, as mulheres precisam ser entendidas como um grupo que precisa de atenção e proteção social como uma população particularmente vulnerável à violência. Na busca por ajudar a superar as desigualdades de gênero, a psicanálise pode dar suas contribuições para uma melhor compreensão e direcionamento como uma teoria e uma prática condizente com a realidade para acompanhar as mudanças sociais. Ao longo da história, as mulheres vêm buscando modificar esses desconfortos provindos dos papéis e normas impostos pela sociedade. Nessa busca, a psicanálise, como uma ciência especializada em escutar, pode ser uma excelente via de condução a reflexões que produzam alterações concretas sobre o feminino.

Por fim, vale destacar que a feminilidade é um enigma que permanece irresoluto, mesmo quando tantos homens e mulheres se propuseram a decifrá-lo. Pensar, falar da mulher é um ato que ultrapassa o dever, mas que possibilita o desejar, um devir, um modo de sublimação, um ato que traga consigo prazer. Na atualidade, as mulheres estão divididas entre ser ou não ser mãe, construir uma carreira e ao mesmo tempo cuidar do lar, filhos e esposos, cuidados estes ainda tão desvalorizados. Ser amada e odiada, por si e pelo outro. Para falar de mulheres, seria imprescindível entendê-las em suas particularidades. Assim, concluímos com as palavras de Clarice Lispector:

*As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito. Ou, pelo menos, não era apenas isso. Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. (LISPECTOR, 1999. p. 12).*

Assim, se ao final do século XIX tínhamos na clínica psicanalítica a presença de mulheres buscando soluções para suas dores e traumas, temos atualmente um quadro parecido. Mesmo que os tempos, as mulheres, as dores e os traumas sejam outros, a psicanálise, revestida de plasticidade,

continua oferecendo possibilidades de subjetivação. A partir de uma releitura dos principais conceitos psicanalíticos como o Édipo, o inconsciente, o recalque, e a sexualidade pode-se dar aos sujeitos os recursos necessários para a sua ressignificação.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BENSON, Nigel C. **Entendendo psicologia**. São Paulo, SP: LeYa, 2012.

BERTO, Camila Silva; CAMPOS, Érico Bruno Viana. O feminino na psicanálise contemporânea: uma revisão sistemática da literatura nacional. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 43, n. 1, p. 139–154, 2022.

BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Revista Natureza Humana**, v. 8, n. 1, p. 163-180, 2006.

BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdade de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática**. Vinhedo, SP: Horizonte, 2013.

BRAGA, Maria da Graça Reis, AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Família: maternidade e procriação assistida. **Psicologia em Estudo**, 10(1), 11-18, 2005.

BRUM, Eliane. **Por que a imagem da vagina provoca horror?**. 18 de jun. de 2012. Disponível em: <<http://elianebrum.com/opiniao/colunas-na-epoca/por-que-a-imagem-davagina-provoca-horror/>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões**. Em C Rial, J Pedro, & S Arende (Ed.), *Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade* Florianópolis. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2010.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011.

FREUD, Sigmund. (1924). **A dissolução do complexo de Édipo**. In Edição Obras Completas (Vol. 16, pp. 203-214). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925). **Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos**. In Edição Obras Completas (Vol. 16, pp. 283-334). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1933). **Feminilidade**. In: FREUD, S. *O Mal-Estar da Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. (1926-1929). **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. Obras completas, volume 17 / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. — 1 a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. (1856-1939). **O mal estar na civilização, novas conferências à psicanálise e outros textos** (1930-1936)/ Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1933). **Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise: Feminilidade**. In Edição Obras Completas (Vol. 18, pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1931). **Sobre a Sexualidade Feminina**. In: Edição Obras Completas (Vol. 18, pp. 371-398). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise: para iniciantes ou não**. Fabio Herrmann - 14 ed - São Paulo: Blucher, 2015.

HOMEM, Maria; CALLIGARIS, Contardo. **Coisa de menina?** Uma conversa sobre gênero, sexualidade, maternidade e feminismo. São Paulo: Papirus 7 Mares, 2019.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, feminino e solidão: um estudo psicanalítico sobre invenções da existência**. 2021. 188 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

KUSS, Ana Suy Sesarino. Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. **Argumento**, 34(86), 243-255, 2016.

LE MOS, Renata Feldman Scheinkman; KIND, Luciana. Mulheres e maternidade: faces possíveis. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 840-859, dez. 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Os desastres de Sofia**. In: A Legião Estrangeira – contos. Rio de Janeiro: Rocco, p. 12. 1999.

NERI, Regina. **O encontro entre a psicanálise e o feminino: Singularidade/diferença**. In J. Birman (Org.), *Feminilidades* (Coleção Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, pp. 1334). Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

NUNES, Sílvia Alexim. **O feminino e seus destinos: maternidade, enigma e feminilidade**. apud: BIRMAN, Joel (org). *Feminilidades*. Rio de Janeiro, 2011.

OLIVEIRA, Rosiska de. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. 4. ed. São Paulo, SP: Cengage, 2019.